

# A Casa de Jajja

## Moradias autoconstruídas para mulheres em zonas rurais

**Mariana Montag Ferreira**  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

**Sasquia Obata**  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

**Ana Gabriela Godinho Lima**  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

**Lucas Fehr**  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

### Resumo

Este artigo discute alguns aspectos significativos trazidos à tona durante o processo de pesquisa, projeto e ensaios construtivos para a “Casa de Jajja”, que nasceu como um Trabalho Final de Graduação no curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, na cidade de São Paulo SP, Brasil. O trabalho consistiu, até o momento da escrita deste artigo, na investigação, atividade projetual e experimentos tecnológicos para o desenvolvimento de uma casa para a senhora Nannono Imaculate, a “Jajja”, de 76 anos, residente em um território vulnerável no vilarejo de Kikajjo, Uganda. O processo de desenvolvimento, conduzido por uma das autoras deste artigo, foi supervisionado por um dos autores e contou com a interlocução das outras duas autoras. Os quatro uniram-se para produzir esta reflexão que se organiza em três partes: 1. Como este projeto insere-se no contexto mundial de preocupações sociais e humanitárias sobre as condições de vulnerabilidade das mulheres; 2. O processo de desenvolvimento do trabalho no âmbito de um curso de graduação; 3. O detalhamento e ensaios construtivo que permite que a dinâmica de construção da casa seja compatível com a mão-de-obra exclusivamente feminina.

### Introdução

As condições específicas da mulher ao redor do mundo, em particular aquelas que habitam os

territórios vulneráveis, vem recebendo cada vez mais atenção de relatórios e agendas internacionais. As Nações Unidas e vários outros órgãos internacionais as reconhecem como grupo extremamente prejudicado, o que tem reflexo direto no cuidado infantil, normalmente a seu encargo.

As faculdades de arquitetura e urbanismo tem um vasto território a abordar neste campo. As estratégias tradicionais de projeto de arquitetura passam a ser desafiadas ao lidar com mão de obra feminina em territórios rurais vulneráveis do ponto de vista social, econômico e territorial. Nesse contexto, o presente trabalho apresenta uma reflexão sobre o processo do Trabalho Final de Graduação (TFG) no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAUUPM), desenvolvido entre o segundo semestre de 2018 e primeiro semestre de 2019 por Mariana Montag: "A Casa de Jajja". Trata-se de uma pesquisa que resultou no projeto de uma casa a ser efetivamente construída por mulheres para uma senhora habitante de Kikajjo, território rural em Uganda.

### 1. As condições de vulnerabilidade das mulheres no mundo contemporâneo

Dois grupos de documentos são referências de base para o entendimento e proposição de condições dignas de vida para as mulheres em condição de vulnerabilidade sócio territorial.

O primeiro conjunto compreende os relatórios, resoluções e compromissos internacionais que incluem as questões de gênero e as especificidades das mulheres e meninas em seu escopo. Aspectos como a pobreza, a dificuldade de acesso aos direitos humanos essenciais e

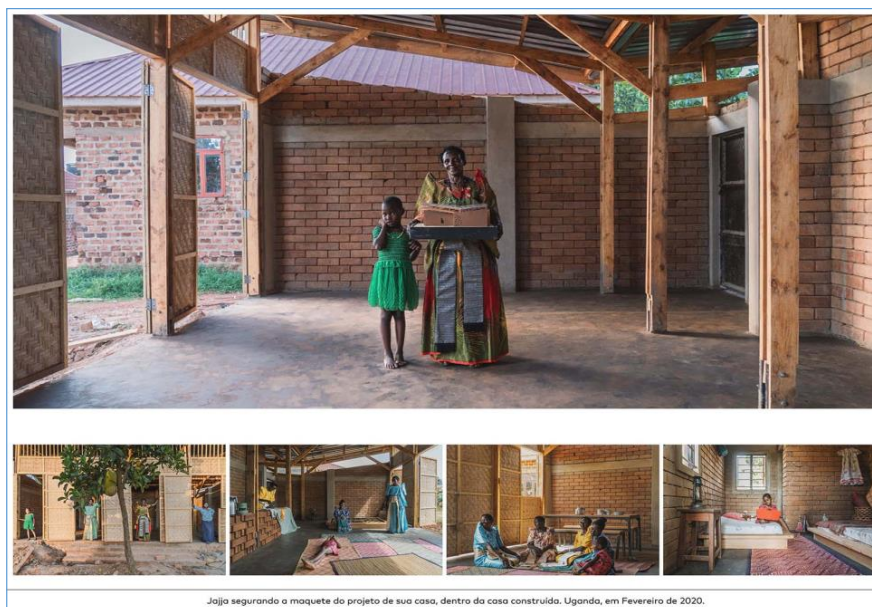


Figura 1. Jajja segurando a maquete do projeto de sua casa, dentro da sua casa construída. Uganda, em Fevereiro de 2020. Fonte: Thais Viyuela.

especificamente aos direitos reprodutivos, e a disparadamente menor representação pública e política das mulheres são quantificados e qualificados nestes trabalhos, que vêm sendo produzidos há mais de meio século. Uma parte substancial deste material foi produzida por agências da Organização das Nações Unidas e suas parcerias, sendo talvez o mais conhecido os "Objetivos de Desenvolvimento Sustentável" (ODS), uma agenda acordada durante a Cúpula das Nações Unidas em 2015, que busca orientar políticas nacionais e atividades de cooperação internacional (Itamaraty, 2015), com o estabelecimento de 17 metas a serem alcançadas até 2030, dentre as quais a de número 5: "Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas."

O segundo conjunto, composto por materiais produzidos nas últimas décadas, é constituído por guias, manuais e diretrizes de urbanismo de gênero, que, a partir da coleta e processamento de dados específicos sobre as mulheres, identifica os aspectos que representam os maiores riscos e maiores ônus impostos às mulheres por causa de seu sexo. Um exemplo significativo está na publicação dos resultados do levantamento realizado pelas Nações Unidas, contido no relatório "Global Human Overview: 2019" (GHO) apontando para a urgência em oferecer condições básicas de vida e desenvolvimento para milhões de pessoas ao

redor do globo, em sua maioria mulheres e crianças abaixo de 14 anos (UNFPA, 2018), colocados em situação vulnerável, seja pelo deslocamento forçado - devido a conflitos armados ou desastres climáticos - seja por se acharem em territórios informais e precários. O relatório foi publicado quatro anos após a divulgação dos "17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), mostrando a urgência da busca por promover ações concretas a partir das diretrizes contidas ali.

De acordo com a UNDP, mais de 70% dos pobres do mundo são mulheres, e a proporção de mulheres habitando os territórios vulneráveis é desproporcionalmente alta, o que reforça a necessidade de se levar a questão de gênero em consideração quando se trata da vulnerabilidade sócio territorial. (ALBER, 2011, p. 7). Conforme relata o Guia "Women and Girls Safe Spaces", produzido pela United Nations Population Fund (UNFPA, 2015), na maioria das sociedades, as mulheres possuem espaços limitados para se encontrarem, e os espaços públicos são ocupados principalmente por homens. Tradicionalmente, as atribuições das mulheres incluem cuidar das crianças, das tarefas domésticas, cozinhar e zelar pela família. Mesmo quando são as principais provedoras da casa, elas permanecem as principais

responsáveis pelas obrigações domésticas. (UNFPA, 2015)

A Habitação em territórios vulneráveis, constitui um aspecto crítico para a vida das mulheres, principalmente por seu papel predominante nos cuidados com as crianças e adolescentes, como é o caso de Jajja, que em sua idade, 76 anos, é a principal responsável pelos cuidados de suas netas. Rogério Haesbart e Ester Limonad (2007) adotam a ideia de apropriação do espaço sob a ótica de vulnerabilidade proposta por Susan Cutter em Vulnerability to environmental hazards (1996), focalizada nos riscos, nas perdas e nas condições de baixa resiliência. Marandola Jr. e Joseph Hogan utilizam essa construção de Cutter, somando aos aspectos ambientais a dimensão socioeconômica, em que se correlacionam a vulnerabilidade territorial à pobreza, formando o binômio da vulnerabilidade sócio-territorial que abordamos aqui. Valverde (2017), leva adiante a discussão abordando a responsabilidade do poder público em relação a estes territórios. Ainda os dados obtidos no Atlas de vulnerabilidade social (IVS 2017), organizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), permitem observar como a vulnerabilidade social está estreitamente relacionada à localização em determinados territórios.

É necessário, portanto levar em conta que as condições de vida das pessoas mais pobres resultam em mais exposição ao risco e menos opções para evitar, lidar ou recuperar-se de seus impactos. Para as mulheres e crianças nesta situação, a habitação representa um fator fundamental para sua segurança e manutenção de um nível mínimo de bem-estar. Além disso, compreende-se também que para garantir objetivos de desenvolvimento sustentável é necessário olhar para as diferenças sociais existentes no contingente social que são as ‘mulheres’. Há uma complexa história com diversas narrativas e não se quer se estabelecer um assistencialismo a mulheres socialmente vulneráveis, mas sim compreender o cruzamento das perspectivas de como essa raiz da injustiça social foi criada e o que se fazer frente a tal diversidade. É central para uma ação que se comprometa em não reforçar a até então o paradigma dominante - patriarcal e capitalista - a compreensão da intersecção entre feminismo, antirracismo e luta de classes. De

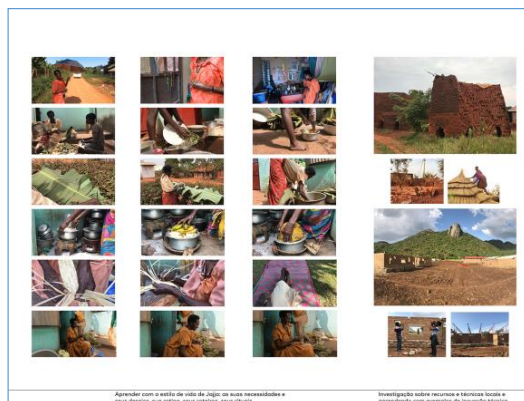


Figura 2. Levantamentos e vivências, Jajja e sua rotina e recursos e t. Fonte: Mariana Montag.

acordo com a filósofa e ativista Angela Yvonne Davis:

“As organizações de esquerda têm argumentado dentro de uma visão marxista e ortodoxa que a classe é a coisa mais importante. Claro que classe é importante. É preciso compreender que classe informa raça. Mas raça, também, informa classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras.” (DAVIS, 1997, p. 1).

Neste cenário, a relevância de um projeto como a Casa de Jajja reside não apenas no benefício que esta senhora, já em idade avançada, receberá após uma longa vida de trabalho duro, mas também na contribuição que a construção deste raciocínio de projeto representa para os modos de intervir em territórios fragilizados, tendo em vista as condições de vulnerabilidade das mulheres.

## 2. O processo de desenvolvimento do Trabalho Final de Graduação

A convivência da autora com as mulheres no vilarejo de Kikajjo, Uganda motivou o desenvolvimento da proposta de Trabalho Final de Graduação. Como observou Montag (2019, p. 19), na zona rural, as mulheres e meninas desempenham um papel essencial na vida das comunidades, não apenas representando uma grande porção da mão-de-obra no trabalho



Figura 3. A concepção preliminar do projeto, comunicada e discutida com a Jajja através de um modelo físico. Fonte: Mariana Montag.

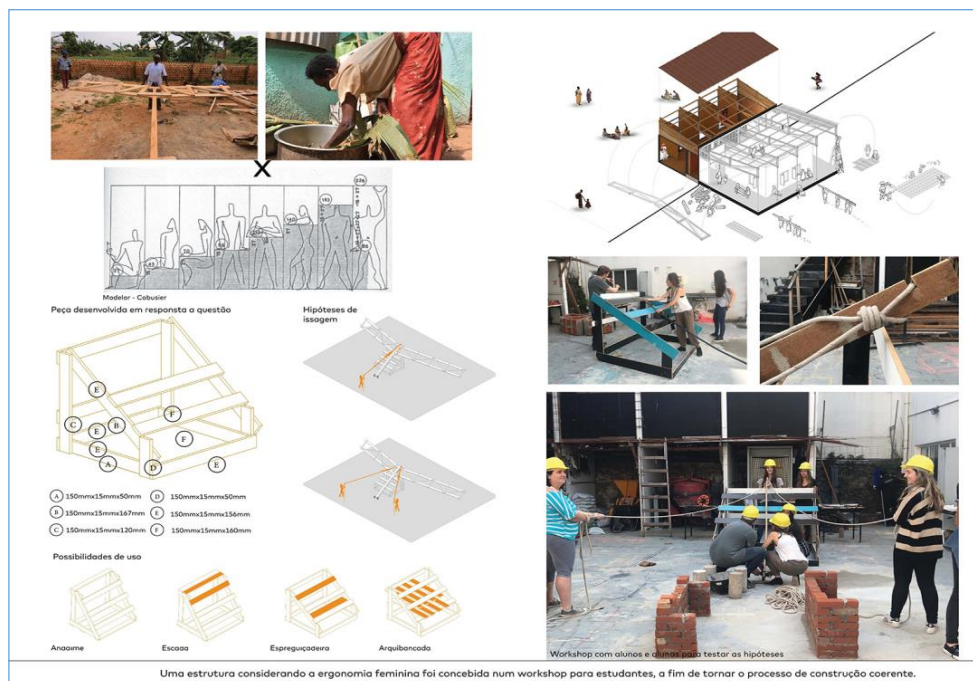


Figura 4. Oficina com estudantes da FAAUPM para testar as hipóteses de içamento da treliça considerando a ergonomia e força feminina local. Fonte: Mariana Montag.

agrícola, mas também executando a maior parte das tarefas não remuneradas dos cuidados e trabalhos domésticos. Na África subsaariana, a agricultura de pequena escala representa 80% da produção de alimentos, mas as mulheres agricultoras enfrentam barreiras de gênero para ter acesso a terras, créditos, insumos agrícolas e mercados. Em Kikajjo, as condições de precariedade apontadas pelos relatórios mundiais globalmente, puderam ser verificadas localmente. Foi ali que Montag conheceu Nannono Imaculate, a “Jajja” (“Avó” no dialeto Luganda) que, aos 76 anos, trabalhava como empregada doméstica 14 horas por dia, 7 dias por semana, recebendo um salário equivalente a 50 reais por mês. Com este dinheiro ela pagava o aluguel de um quarto de 9m, onde vivia com suas netas. Nos dias de folga do trabalho, dedicava-se aos trabalhos domésticos e à assistência às pessoas de sua comunidade na igreja local, aonde é tida como uma referência religiosa. Em seus 3 casamentos, passou por experiências de abuso e violência doméstica.

Como tantas mulheres nestas condições, Jajja sonhava com uma casa que fosse sua, e Montag, pelo vínculo e aprendizado diário com Jajja, achou um projeto com o qual comprometer-se e retornar a Nannono Imaculate a entrega imensurável que ela teve para com todos, adotando-o como tema de seu TFG. Para tanto, era necessário construir a trajetória deste projeto pelo mundo universitário. Na FAUUPM, os trabalhos finais de graduação-TFG são organizados em quatro atividades: 1. Orientação acadêmica; 2. Ateliê de projeto; 3. Fundamentação e crítica e 4.) Experimentação. Os alunos recebem orientações de grupos de professores ligados a cada atividade, em uma proposta acadêmica que pretende ser o mais completa possível nesta última etapa, desenvolvida nos dois últimos semestres do curso. Nesse contexto, obstáculos importantes tiveram que ser superados, como a obrigatoriedade da presença física em várias das atividades, quando, para o desenvolvimento do projeto, Montag precisaria estar presente intensamente em Kikajjo. A força da proposta, sua relevância no âmbito das discussões contemporâneas do papel da arquitetura nos cenários das demandas do mundo prático, e o reconhecimento da relevância das abordagens de gênero, foram elementos importantes na negociação com as esferas de direção e coordenação da e-scola, que, etapa a etapa, viabilizaram a realização do trabalho.

O programa da casa e a concepção dos ambientes basearam-se no modo de vida cotidiano local, organizadas conforme seus costumes e hierarquias. Todos os ambientes são organizados sob um teto independente, permitindo a adaptação para diferentes formações familiares. Os módulos residenciais são duplicáveis, favorecendo a ampliação. O projeto coloca questões básicas de sustentabilidade ambiental, como captação de água, boa aeração, iluminação natural e técnicas vernaculares, envolvendo mão de obra, materiais e tecnologias da cultura artesanal local, algumas não usuais nas construções daquela região, como trançados de palhas em vedações ventiladas. Complementarmente, compartilhou-se técnicas inovadoras para a comunidade, como o sistema de cobertura com águas invertidas, apoiadas em treliças com caimento central com a função de captar a água da chuva.

O reconhecimento externo do processo e resultado do trabalho vieram por meio do prêmio internacional “Beyond Bauhaus - Prototyping the Future”, que buscava identificar ideias inovadoras e conceitos que abordassem alguma questão social, “oferecendo respostas criativas às questões prementes de nosso tempo.”[1] O projeto da casa de Jajja, assim como os outros ganhadores, foi selecionado a partir de três critérios fundamentais: Visão Criativa, Sustentabilidade e Impacto Social.

### **3. Detalhes construtivos para execução por mulheres**

O projeto tem dois grandes princípios norteadores: em primeiro lugar, partindo-se de um entendimento sistêmico, aborda o trabalho humano e os materiais locais não apenas como recursos, mas como agentes ativos em um desenvolvimento cíclico na comunidade; em segundo lugar, incita a ponte entre a academia, as demandas da comunidade e o mundo prático. Dentro destes princípios, o módulo da casa e seus elementos foram todos dimensionados tendo a mulher como o principal agente construtivo. O processo construtivo incorpora a tecnologia do lugar, e foi realizado através de oficinas de construção para as mulheres locais, promovendo a capacitação técnica como ferramenta de empoderamento para sua autonomia. Propôs-se então o desenvolvimento de um sistema construtivo que permitisse a construção da casa com mão-de-obra

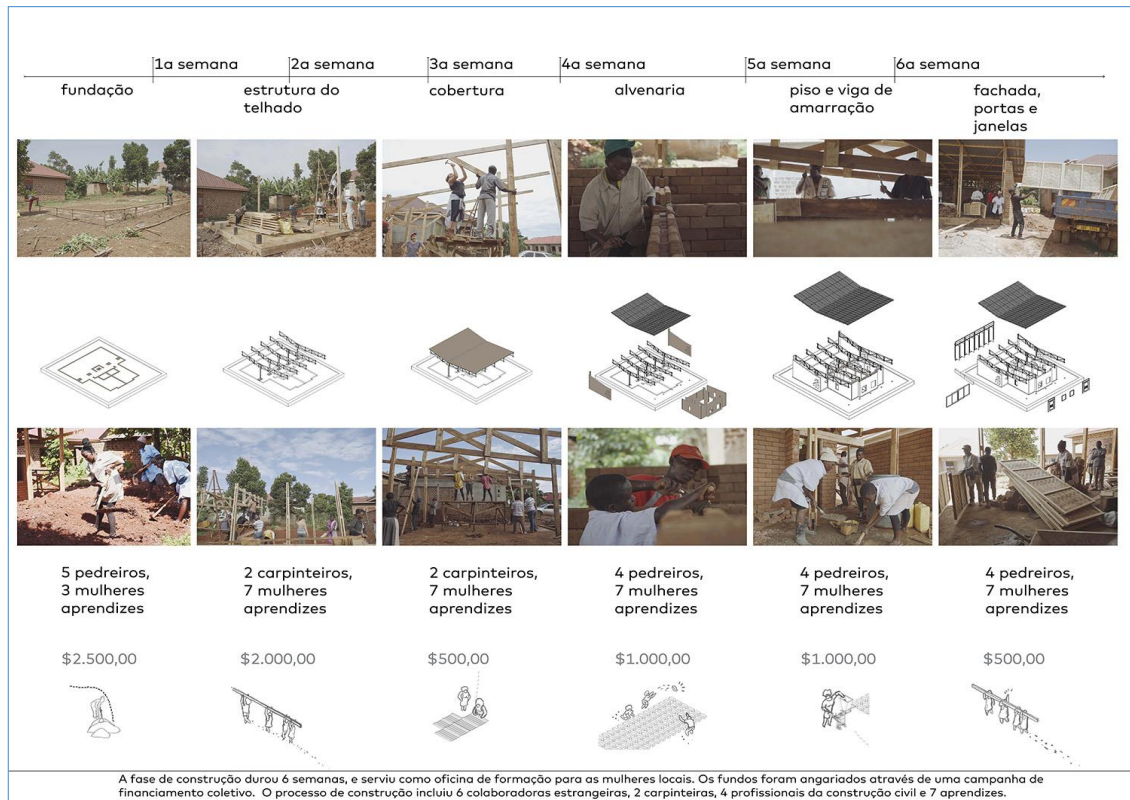


Figure 6. A fase de construção durou 6 semanas, e serviu como oficina de formação para as mulheres locais. Fonte: Mariana Montag e Thais Viyuela.

exclusivamente de mulheres, ou seja, levando em conta suas dimensões e força física. Para tanto, foi desenvolvido um processo de experimentação, realizado ao longo da II Semana de Integração Pedagógica da FAUUPM, um evento que por seu formato e proposta ofereceu as circunstâncias adequadas ao encaminhamento desta etapa.

Do ponto de vista da conexão com a realidade das mulheres de Kikajjo, verificou-se que elas já atuavam de modo colaborativo e se reuniam semanalmente para a fisioterapia das crianças. Isto permitiu uma aproximação para investigar qual seria o viés da forma feminina do construir local. A líder local, Jajja, relatou que já havia auxiliado muitas vezes em construções no transporte dos materiais, mas não na construção propriamente, e que conhecia outras mulheres que trabalhavam na produção de tijolos utilizados em construções de moradias. Relatou também o modo como atuavam e sobre a necessidade de capacitação feminina para os fazeres relacionados a obras, e de que estes deveriam ser adequados às suas habilidades, capacidades, e aderentes a seus modos de atividades diárias. Tendo em vista as informações coletadas, foi desenhado o experimento que levava em conta: contraposição do módulo, escala e a mão de obra exclusiva de mulheres, adotando-se como ação investigativa as lógicas construtivas que emergem da execução do trabalho pela mulher. A atividade planejada para a II Semana de Integração Pedagógica partiu de uma configuração previamente desenvolvida do projeto para a Casa de Jajja, com algumas indicações de materiais locais, pressupostos de conforto passivo e o agenciamento dos espaços e ambientes proposto de acordo com os usos e costumes locais. O objetivo da atividade estava em aperfeiçoar o detalhamento tendo em vista a execução realizada exclusivamente por mão de obra de mulheres, implicando em revisão de dimensões, peso e manipulação dos elementos construtivos, tradicionalmente pensadas para operários composto homens.

No processo de análise do projeto e discussão em grupo, ficou claro que tarefas como a execução das paredes em alvenaria de tijolos e construção dos fechamentos podiam ser executadas indistintamente por mulheres ou homens. A cobertura, por outro lado, implica em esforços físicos adicionais. O ponto de maior interesse foi a análise do processo de içamento

da treliça que estrutura a cobertura, identificando os pontos de mobilização e de alavanca, com ênfase no entendimento da relação entre o ponto de maior peso na estrutura da treliça e a dinâmica em resposta às ações diárias locais em que o corpo da mulher é desenvolvido de exercer a maior força.

Procedeu-se, a partir daí, à pesquisa de referências de içamento de treliças, resultando na opção por uma estratégia utilizada em habitações indígenas brasileiros em que os nós da treliça são previamente executados e amarrados para içamento. A partir do desenvolvimento de ideias por meio da execução de croquis, foram estabelecidas as etapas de montagem da estrutura no solo, e seu transporte e montagem na posição final. Ao longo das etapas de prospecção, várias possibilidades foram descartadas devido à complexidade de execução ou custo, como o uso de uma articulação metálica em pino sobre a sapata de apoio.

A proposta final articulou economia de recursos e simplicidade de execução, adequando-se às características de pronunciada aptidão e força física das mulheres de Kikajjo. Seus hábitos de executar várias tarefas agachadas levou a equipe brasileira a desenvolver uma solução de execução das estruturas no solo em plano inclinado, mais apropriado a essa posição. Por sua vez, a estrutura desenhada para servir inicialmente como plano inclinado acabou revelando-se uma peça construtiva extremamente eficiente, com múltiplas funções. Além de auxiliar no içamento das peças, servia também como escada e, por fim, em apoio das alvenarias, assentos e até mesmo, no interior da residência, como suporte para armazenamento de utensílios domésticos.

O experimento que levou à definição final da peça envolveu a montagem de um modelo de marcenaria, que permitiu a realização de testes para adequação à manipulação pelo corpo da mulher, como se apresenta na imagem abaixo: A conclusão se deu após a simulação de içamento, realizada pela equipe em escala 1:1, por alunas mulheres e um aluno, demonstrando na prática a viabilidade, exequibilidade e sucesso do engenho e a possibilidade de se intervir no processo de construção considerando as dimensões, o peso e as práticas de execução pensadas de acordo com o corpo das mulheres.

Como etapa final, antes da implantação do projeto em Uganda, foi elaborado um manual de instruções para construção da casa.

### a. Considerações Finais

Em um mundo em que as mulheres constituem a maior parte do contingente de pessoas pobres e, conseqüentemente, de habitantes de territórios vulneráveis, juntamente com suas filhas e filhos, netas e netos, as abordagens sobre o projeto e construção da habitação, a estrutura básica a abrigar a vida humana, passam, necessariamente, por uma significativa reinterpretção e transformação.

É nesse contexto que a pesquisa, projeto e ensaios técnicos desenvolvidos para a viabilização da construção de uma casa para “Jajja” ganham significado para além da residência em si. O processo de construção de conhecimentos para a execução desta empreitada consiste em uma contribuição ao campo da pesquisa acadêmica, pelos procedimentos de prospecção, sistematização e proposição realizados, e ao campo da prática arquitetônica, pelos resultados projetuais e técnicos obtidos. Este processo, iniciado com o TFG, teve sua continuidade com a arrecadação para o financiamento de terreno e obra, finalmente executada e concluída conforme sua concepção participativa.

A Casa da Jajja começa com o protótipo em Kikajjo, como reflexo de uma cultura, ou melhor, como produto de uma interação cultural entre povos distantes, mas continua com a possibilidade de expansão tanto através da replicação do módulo como do processo metodológico de atendimento de demandas similares.

### Referências

1. [1] Sobre o prêmio: <https://land-der-ideen.de/en/competitions/beyond-bauhaus/competition#criteria>
2. ALBER, Gotelind. Gender, Cities and Climate Change. Thematic Report prepared for Cities and Climate Change Global Report on Human Settlements. UN-Habitat, 2011. Disponível em: <http://unhabitat.org/wp-content/uploads/2012/06/GRHS2011ThematicStudyGender.pdf> Acessado em 25/08/2019
3. UN Office for the Coordination of Humanitarian Affairs - Global Humanitarian Overview: 2019 – United Nations Coordinated Support to People Affected by Disaster and Conflict. Disponível em: <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/GHO2019.pdf> Acessado em 06/12/2019
4. Montag, Mariana. A Casa de Jajja – moradias autoconstruídas para mulheres em zonas rurais. Trabalho Final de Graduação de Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie. São Paulo, 2019.
5. HAESBAERT, R. LIMONAD, E. Territórios em tempos de globalização. Etc. Espaço, Tempo e Crítica, Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas. Rio de Janeiro, v.1, n.2 (4), p. 1-15, 2007. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/228455262\\_O\\_territorio\\_em\\_tempos\\_de\\_globalizacao](https://www.researchgate.net/publication/228455262_O_territorio_em_tempos_de_globalizacao) Acesso em 10/06/2018
6. CUTTER, S. Vulnerability to environmental hazards. Progress in Human Geography. Londres, v. 20, n. 4, p. 529-539, 1996. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/030913259602000407> Acesso em 10 jun. 2018
7. UNFPA. The Power of Choice: Reproductive rights and the demographic transition. State of the World Population 2018. ([https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/UNFPA\\_PUB\\_2018\\_EN\\_SWP.pdf](https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/UNFPA_PUB_2018_EN_SWP.pdf))
8. VALVERDE, Maria Cleofé. A interdependência entre vulnerabilidade climática e socioeconômica na região do abc paulista. Ambiente & Sociedade, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 39-60, set. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-753X2017000300039&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2017000300039&lng=pt&tlng=pt) Acesso em 04/07/2019
9. DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. S.Paulo: Boitempo, 2016 [1981]